

NASCIMENTO; SV¹, MOTA; KS², CARDOSO; FBS³, JUNQUEIRA; SR JUNQUEIRA⁴

RESUMO

É considerado paciente com necessidade especial aquele que possui alguma alteração em seu sistema biopsicossocial.¹ Estima-se que 23,9% dos brasileiros apresente alguma condição que o enquadre neste grupo.² São mais de 45 milhões de pessoas que têm direito a atendimento odontológico, tanto preventivo quanto curativo, para que sejam integralmente assistidos. No entanto, sabe-se que a formação acadêmica em Odontologia aborda muito pouco sobre estes pacientes, o que pode deixar os dentistas inseguros para tratar estes indivíduos. Esta é uma narrativa sobre os itinerários terapêuticos realizados por mães de indivíduos com necessidades especiais em busca de atendimento odontológico para seus filhos. Todos são residentes em um distrito da zona norte da cidade de São Paulo e foram acolhidos pela equipe de saúde bucal em uma Unidade Básica de Saúde (UBS). Dois pacientes possuem Transtorno do Espectro Autista, um paciente com Síndrome de Prader-Willi e um paciente que apresentava síndrome rara associada à depleção de parte do cromossomo 9. Todas as mães relatam dificuldade em conseguir um profissional disposto a atender a seus filhos, tanto nos serviços públicos, quanto nos particulares. Duas destas famílias possuem planos privados de saúde e nem mesmo nestes obtiveram tratamento. Seus filhos foram levados a especialistas em OPNE, que não tiveram êxito em atendê-los, considerando-os agressivos. A procura pelo atendimento na UBS veio, para duas delas, através de demanda espontânea, e para as outras duas, em caráter de urgência, através da indicação de Agentes Comunitários de Saúde. A Secretaria Municipal de Saúde recomenda que sejam atendidos na UBS os pacientes com necessidades especiais colaborativos, mas também os que respondam ao condicionamento comportamental, onde inicialmente há alguma resistência, mas posteriormente, consegue-se estabelecer um vínculo de confiança com o profissional. Somente após duas tentativas de atendimento, pode-se se dizer que não há cooperação e o paciente deve ser referenciado ao Centro de Especialidades Odontológicas.³ A dificuldade dos profissionais em acolher estes indivíduos para atendimento se explicita nos relatos das mães durante as consultas, nos quais experiências prévias envolveram a proposta de sedação em centro cirúrgico, sedação medicamentosa e contenção física para realização do tratamento. Destaca-se então, a surpresa positiva destas mães ao verem seus filhos sendo atendidos através de condicionamento comportamental e sem medidas invasivas. Neste trabalho, não houve necessidade de encaminhar os pacientes para atenção especializada, porém, observou-se em todos os casos a insegurança das mães em relação ao atendimento odontológico convencional e realizado na UBS, o que reforça que suas experiências prévias na busca por tratamento foram negativas e fomentaram, inclusive, o medo de realizar a higiene oral destes pacientes em casa. Desta forma, conclui-se que a formação do vínculo do profissional é necessária não só com o PNE, mas também com o responsável, o que favorece a promoção de saúde tanto no ambiente clínico quanto em casa, reduzindo a exclusão e os estigmas que rodeiam estes pacientes e suas famílias.

PALAVRAS-CHAVE: Atenção Primária à Saúde, Serviços de Saúde Bucal, Assistência Odontológica para Pessoas com Deficiências

¹ FOU/SP/SPDM, suu.nascimento@gmail.com

² SPDM, ksm.90@hotmail.com

³ SPDM, srj@usp.br

⁴ FOU/SP,

¹ FOU SP/SPDM, suu.nascimento@gmail.com
² SPDM, ksm.90@hotmail.com
³ SPDM, srj@usp.br
⁴ FOU SP,